



MIDAS

Museus e estudos interdisciplinares

14 | 2022

Varia

Stefanie Gil Franco – *Os Imperativos da Arte. Encontros com a Loucura em Portugal no Século XX*

Maria de Fátima Nunes



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/midas/3048>

DOI: 10.4000/midas.3048

ISSN: 2182-9543

Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

Refêrencia eletrónica

Maria de Fátima Nunes, «Stefanie Gil Franco – *Os Imperativos da Arte. Encontros com a Loucura em Portugal no Século XX*», *MIDAS* [Online], 14 | 2022, posto online no dia 15 maio 2022, consultado no dia 06 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/midas/3048> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/midas.3048>

Este documento foi criado de forma automática no dia 6 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional - CC BY-NC-SA 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Stefanie Gil Franco – *Os Imperativos da Arte. Encontros com a Loucura em Portugal no Século XX*

Maria de Fátima Nunes

REFERÊNCIA

Franco, Stefanie Gil. 2021. *Os Imperativos da Arte. Encontros com a Loucura em Portugal no Século XX*. Vol. 21. Coleção Estudos de Museus. Lisboa: Caleidoscópio e Direção-Geral do Património Cultural. 331 Páginas, ISBN 978-989-658-682-9.

- 1 Entrar no universo da loucura pelo caminho das colecções, de mostras artísticas e de museus significa quebrar convenções, alterar protagonismo de sujeitos e de instituições e partir para novas agendas de património e de museus.¹ Este livro permite, então, subverter o mundo de “pernas para o ar” e encontrar itinerários e caminhos insondáveis para os estudiosos e seguidores de *museum studies*. A autora, Stefanie Gil Franco, avisa-nos, no final do itinerário de leituras e de olhares, para os vários fragmentos simbólicos da *art brut* que:

É possível que este livro tenha levantado mais questões do que tenha chegado a conclusões sobre o tema a que se propôs discorrer. Isto porque a problemática escolhida não possui um enredo com começo, meio e fim, mas a característica de se desmembrar numa série de outras narrativas. Tratar da história da psiquiatria e da história de arte, em conjunto, precisa de um ponto de partida muito bem delimitado, ou escrever-se-á para o infinito. (p. 287)

- 2 Stefanie Gil Franco, a protagonista desta saga científica de abordagens transversais, esgrima o saber de investigação maturada e reflexiva com a ousadia de novas agendas da história de arte e dos novos campos de museologia. Assim, introduz-nos na arte de conjugar doutrinas alienistas com a produção artística de alienados e com outras conjugações que fazem parte desta narrativa sobre os “imperativos da arte”, trazendo para o espaço público nomes como a instituição de Casa de Saúde do Telhal, Luís Cebola,

Júlio Dantas, Stuart Carvalhais, Egas Moniz e as colecções da sua Casa-Museu e até a colecção da empresa industrial Oliva, em São João da Madeira. Conjugar arte e loucura emerge de um caldo epistemológico e conceptual muito bem documentado e caracterizado, onde os alienistas de psiquiatria são referências de suporte de informação e de interpretação. Nesse caldo está também a omnipresença de Michel Foucault, autor incontornável para a leitura e o público entendimento deste livro, assaz entusiasmante, disruptivo em novidades de investigação e em abordagens heterodoxas. Diríamos que estamos perante um livro apinhado de originalidades e de “caminhos de futuro” para os estudos de museus e de colecções, fazendo jus à qualidade seletiva da colecção “Estudos de Museus” da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC).

- 3 Um livro que termina com “ideias de futuro” como forma de deixar hipóteses e muitas ideias no horizonte de próximas investigações e de abordagens futuras à loucura e às manifestações sociais de arte, no espaço público e nas colecções, ainda encerradas em contextos de alienação. Consideramos narrativas disruptivas o que Stefanie Gil Franco nos coloca perante os projectos artísticos no Hospital Júlio de Matos, combinando parcerias de artistas doentes e não doentes; e a visibilidade que Jeff Koons e Pedro Cabrita Reis deram à consagração artística e o prestígio social para um foco artístico na Avenida do Brasil, em Lisboa.
- 4 Estamos perante um livro aparentemente distópico. Ele permite escolher tópicos que vamos respigando de leituras cruzadas numa obra que se pode – deve – ler-se em diferentes velocidades e por ângulos distintos. Podemos ir em busca de uma *art brut*, podemos ir ao encontro de espaços hospitalares – laboratórios de loucura – transformados em instalações artísticas; podemos ir em demanda de arquivos, colecções, desenhos, fotografias, imprensa cultural e ilustrada; pode-se folhear para marcar encontro com exposições e comparar com casos transnacionais que afinal integram o pequeno último retângulo da Europa da primeira metade do século XX, num movimento amplo e transnacional de loucura e de arte. Neste contexto de história de arte globalizante antevemos a biopolítica exercida pelo Estado Novo – com zoom especial para os considerados loucos – que se cruzam com as anotações científicas dos cadernos de trabalho de campo que psiquiatras registaram durante a sua vida profissional, nos espaços de controlo institucionalizada da loucura, do louco *in situ*. Afinal novas parcerias para a agenda multidisciplinar de arte e sociedade, agora com novas janelas, novos protagonistas e novas colecções (agora consideradas) artísticas, como as que a Casa de Saúde do Telhal acolhe, preserva e mostra em exposições públicas.
- 5 E como se consegue produzir este enigmático objecto de leitura, o livro que estamos a ler e reler sequencialmente? Como organizar a narrativa que se pretende que seja quebrada e estilhaçada em relação às narrativas ortodoxas de arte e de sociedade, as da normalidade de tudo agir pelo mesmo modelo de representação e de imaginário artístico? Aqui a imaginação artística ultrapassa os muros e as convenções sociais e políticas. E muitos foram considerados no seu tempo vivencial como personalidades únicas, ex. Stuart Carvalhais, Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros. Outros não tiveram oportunidade de ter protagonismo no espaço público da consagração social da criatividade artística.
- 6 Consideramos útil, para o leitor que se deve entusiasmar a fazer este percurso, deixar marcas de racionalidade científica no que tange ao formato de organizar um longo e diversificado trabalho de investigação coroado de êxito. Damos, pois, protagonismo por

algumas linhas, à estrutura do livro. Na «Introdução» o leitor tem a oportunidade de tomar contacto com a gramática de conceitos, sempre indispensáveis a uma retórica académica. Mas é no capítulo inicial – «A Alienação em Portugal: Notícias Acerca da Degeneração Mental e Artística» – que o leitor tem oportunidade de mergulhar nas profundezas da história aqui produzida, tomando contacto com “acabrunhamentos” e personalidades distantes e aqui aproximadas, como Luís Cebola e Júlio Dantas. O quadro ideológico, social e científico de uma República em fase final e os inícios do Estado Novo faz a cenografia para se entender alguns dos traços da «teoria da degeneração na arte portuguesa». Caminhos insondáveis pela degeneração mental e artística em contaminação com as correntes artísticas de vanguarda ou de autores heterodoxos, com diálogos muito profícuos com a criatividade literária – poética e prosa narrativa – por vezes ilustrada em desenhos que vão dialogando com o leitor ao longo de várias e prolixas páginas de complementaridade entre texto e imagem.

- 7 No capítulo dois – «Isolar os Corpos. Moralizar as Mentes: Alguma Manifestação sobre a Crítica de Arte dos Insanos» – o leitor é brindado com a prática da crítica sobre “arte dos insanos” de forma concreta, uma vez que a autora inclui inúmeras reproduções figurativas de uma arte insana que os críticos fazem aproximar por genealogias interpretativas de uma arte primitiva. E estes desenhos são comentados, divulgados por uma imprensa internacional e nacional, estabelecendo a circulação de ideias para observadores e críticos se debruçarem sobre os traços encontrados nos espaços povoados por gente não igualizada com a dimensão de norma e de regra de funcionamento de uma normalidade, num mundo cortado pela I Grande Guerra. É o espaço de descer até aos territórios da Casa de Saúde da Idanha e da Casa de Saúde do Telhal, onde muito se aprende com o trabalho médico e cultural do psiquiatra e director clínico Luís Cebola. Uma personalidade que atravessa a mundividência deste livro, em vários recortes de abordagens transnacionais e transdisciplinares, devolvendo à sociedade a fragilidade e a delicadeza de colecções arquivadas. E que são transmutadas para representações e produções artísticas, neste novo relacionamento entre loucos e arte!
- 8 O terceiro, e último capítulo «Humanizar e Adjetivar a Loucura: Um Mundo Dividido aos Pares» traz-nos a simbologia de “estórias”, de casos de loucura, de loucos e de insanos, resgatados às malhas da psiquiatria e de doenças mentais, com incursões de contributos para uma breve abordagem à psiquiatria *versus* antipsiquiatria (relembrando a importância das teorias de David Cooper). Será após estes itinerários de Escola(s) de Psiquiatria (com ligações ao contexto médico-teórico em Portugal) que Stefanie Gil Franco nos lança o repto de saber olhar e valorizar *art brut* e *outsider art*. Ou seja, olhar para as novas agendas de críticos e de historiadores de arte. O corolário deste percurso encontra-se na entrada seminal deste estudo, a todos os níveis, extra(ordinário): «Fecha-se um Hospital, Abre-se um Museu: Novos Imperativos sobre Arte, Arquitetura e Doença Mental» (pp. 258-267). Novos desafios, novas colecções, novos espaços públicos para observar, consumir e reflectir sobre objectos de produção artística. Novos desafios se lançam aos curadores de arte e a novos laboratórios/espacos expositivos, pensando na magnitude de produção de arte produzida por insanos e excluídos.
- 9 E num insondável retorno a ideias fortes deste livro, terminamos com a presença da colecção Treger-Saint Silvestre – temática de *art brut* – em Portugal, em São João da Madeira. Um repto para pensar nos múltiplos significados civilizacionais decorrentes da «[...] exposição *Acordar, sair, caminhar. Desacelerar... olhar, parar. Olhar de Novo* (2016),

quando a curadora Antónia Gaeta propõe apresentar o espaço urbano como um fio condutor a partir destas realidades ou cosmologias particulares» (p. 276).

- 10 E assim o espaço do Núcleo Arte Oliva transforma-se num evento artístico e reflexivo que estabelece a ponte entre os imperativos da arte e os encontros com a loucura em Portugal no século XX. Graças ao trabalho seminal de Stefanie Gil Franco estas colecções artísticas, a sua valorização, o seu estudo e apresentação pública foram escorregando para o século XXI como uma poderosa força de inércia que não pode ser travada ou interrompida nesta aldeia global e de incertezas humanas em que vivemos.
-

NOTAS

1. A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.
-

AUTORES

MARIA DE FÁTIMA NUNES

IHC – Instituto de História Contemporânea – Polo de Évora, Portugal, mfn@uevora.pt, <https://orcid.org/0000-0003-1492-9948>